



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONARIO – MEMBRO DO COMITE DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

Greve Nacional da Educação em 2 e 3 de outubro Unidade dos explorados para derrotar o governo, a burguesia e o imperialismo

A pauta principal é a luta contra os cortes de bolsas e de verbas das universidades federais, bem como contra o projeto Future-se, de maior privatização e ingerência externa nas universidades.

Os dois dias de greve nacional têm atrás de si as grandes manifestações da educação de 15 e 30 de maio, a greve geral



parcial contra a reforma da Previdência, de 14 de junho, e as manifestações de 12 de julho e 13 de agosto. A greve, convocada pela UNE, Andes e associações, ocorre numa situação em que ocorrem os maiores ataques do governo e burguesia contra as condições de vida e trabalho das massas, a reforma Trabalhista, a terceirização e a reforma da Previdência, bem como a violenta ofensiva contra os direitos sociais, particularmente a educação pública. A crise econômica capitalista mundial move os governos em toda parte, e também no Brasil, a tomarem medidas que descarregam suas consequências sobre as costas das massas exploradas. As medidas de maiores ataques ao ensino e pesquisa públicos, e favorecimento do negócio educacional privado, são parte dessa ofensiva.

Diante desses ataques gerais, as massas têm demonstrado tendências de luta. Só não resultaram num enfrentamento mais geral e direto ao governo, ao parlamento e aos capitalistas por conta da contenção realizada pelas direções sindicais, estudantis e populares, que desviaram as lutas que ocorriam massivamente em todo o país para as negociações parlamentares e a estratégia eleitoral, de desgaste do governo Bolsonaro e reorganização da oposição burguesa, com vistas a retomar um governo nacional reformista. Enfim, da aplicação da política de conciliação de classes, oposta à de luta de classes.

As centrais sindicais, que traíram os movimentos e os levaram à derrota no enfrentamento à reforma da Previdência, anunciam que apoiarão a greve da educação. No entanto, reafirmam sua trajetória colaboracionista, ao se negarem a convocar suas bases sindicais operárias a discutirem e deliberarem em assem-

bleias a paralisação da produção social, a retomada da greve geral, desta vez mais forte e melhor organizada, e por tempo indeterminado.

O POR se empenha com todas as suas forças para que a greve nacional da educação se realize, fortalecendo as convocações de assembleias e defendendo a ação de massas nas ruas. Também trabalha para que sejam erguidas, ao lado das reivindicações da educação, a bandeira de luta contra as reformas trabalhista e da Previdência, assim como a terceirização. E as bandeiras de combate à desnacionalização e entrega do país ao saque imperialista. Assim, o POR comparece com sua militância e seus simpatizantes às manifestações dos dias 2 e 3 de outubro, para defender:

1) Não aos cortes de bolsas e verbas! Para defender o ensino público e gratuito, é obrigatório que seja financiado exclusivamente pelo Estado! Para isso, é preciso levantar a bandeira de não pagamento da dívida pública. São o gigantesco parasitismo financeiro e a efetivação da tendência geral da queda da taxa de lucro capitalista que levam a burguesia a preservar seus interesses por meio dos ataques em toda linha às massas. A ruptura com o imperialismo e a estatização dos bancos, sob controle operário, que garantirão que os recursos parem de ser drenados para os

cofres dos parasitas da dívida e da superexploração do trabalho.

- 2) Não ao Future-se! Trata-se de um projeto que leva as universidades à dependência do financiamento privado, e à ingerência externa de organizações sociais (OSs), que dirigirão as instituições de acordo com as necessidades de valorização do capital investido. Boa parte das universidades já tem sofrido com o privatismo, que predomina entre a casta burocrática. Essa casta estatal administra, de forma autoritária, os orçamentos e diretrizes acadêmicas e de pesquisas universitárias. A burocracia universitária, que se expressa muitas vezes por meio de reitorias, se opõe ao Future-se por conta da perda de seu poder de manejar os recursos e o privatismo. Embora se choque, por essas circunstâncias com o governo, busca se apoiar nas mobilizações de estudantes, funcionários e parte dos professores para preservar seus mesquinhos interesses. A luta contra o Future-se tem de se realizar com total independência da burocracia universitária: reivindicações, métodos de luta e organização devem se realizar sem nenhuma subordinação à burocracia universitária. É preciso levantar as assembleias gerais universitárias (dos três setores), que mobilizem os que estudam e trabalham, discutam as pautas e reais necessidades, os métodos de luta unitários e a organização dos comandos unitários. De um lado, as assembleias universitárias devem aprovar as medidas de luta unitária com a maioria nacional oprimida, com o proletariado à frente. Hoje, retomar a greve geral por tempo indeterminado para pôr abaixo as reformas antinacional e antipopular do governo. De outro, defender de fato o ensino público, erguendo a luta pela estatização sem indenização de todo ensino privado, sob controle de quem estuda e trabalha, e a construção da real autonomia e democracia universitárias, que se expressa num governo tripartite (dos três setores), eleito pelo voto universal, com revogabilidade de mandato e subordinado à assembleia geral universitária. Esse governo universitário deverá pôr em prática um orçamento elaborado pelos três setores, e estará em choque com os governos e a burguesia, e ao lado dos explorados contra os exploradores.
- 3) Unidade da luta da educação com o movimento que combate as contrarreformas dos governos Temer e Bolsonaro! É preciso retomar a luta nas ruas, para por abaixo as reformas trabalhista e da Previdência, assim como a terceirização. O combate ao governo obscurantista e reacionário precisa da força do proletariado, capaz de parar a produção social, numa greve geral nacional e por tempo indeterminado. A luta unitária e nacional das massas, em oposição ao colaboracionismo de classe das direções das centrais sindicais e demais organizações das massas, dará a força necessária para derrotar o privatismo e obscurantismo, e defender de fato a universidade pública e gratuita.
- 4) Erguer a luta anti-imperialista e anticapitalista! O entreguismo do governo Bolsonaro se espalha pela educação, destruindo o ensino público e favorecendo a monopoli-

zação privada, que tem por trás o capital financeiro internacional. Ele se expressa de várias formas, mas as mais evidentes são as privatizações e a entrega da Embraer, da base de Alcântara e do Pré-Sal às multinacionais. É preciso pôr em pé a frente única anti-imperialista, sob a direção da classe operária, de forma a combater por meio da luta de classes o entreguismo do governo. O nacionalismo burguês, que sempre foi débil no Brasil, hoje, sequer é capaz de defender as mínimas condições de independência nacional. Essa bandeira passou às mãos do proletariado e das massas oprimidas. Contra as frentes eleitoreiras, parlamentares, burocráticas e conciliadoras, construímos a frente de luta contra a burguesia de dentro e de fora do país.

- 5) Lutar sob a estratégia e tática da classe operária! Por trás da traição das direções, que dissolveram a possibilidade de enfrentamento de classe ao governo, parlamento e burguesia, por trás do eleitoralismo e burocratismo, está o objetivo estratégico de reconstituir um governo burguês, nacional reformista, que teria a tarefa de amenizar os ataques capitalistas contra as massas. Essa estratégia condiciona a tática de desgaste eleitoral e pressão parlamentar e institucional. Desvia as massas da tomada de seus problemas em suas próprias mãos, por meio da ação direta das massas, para o colaboracionismo de classes, que, na prática, é a derrota e maior sacrifício dos explorados em suas condições de vida e trabalho. Ao contrário, devemos nos guiar pela estratégia do poder próprio dos oprimidos, o governo operário e camponês, que virá por meio da revolução proletária, e não de nenhuma eleição. A esse objetivo estratégico, que certamente depende de um grande avanço da organização e consciência de classe das massas, corresponde a tática de tomar nas próprias mãos a solução dos problemas, por meio da luta de classes. A greve geral por tempo indeterminado, que está colocada como necessidade pelo ataque geral a partir do Estado, promovido pelos capitalistas, é o meio de combater pela derrubada do governo fascizante de Bolsonaro e constituição do poder próprio das massas. Por isso, devem ser rejeitadas as bandeiras eleitoreiras, que desviam as massas dessa direção.
- 6) Pela independência de classe do movimento! Pôr em pé o partido revolucionário! A independência de classe não é a neutralidade diante dos conflitos sociais, e sim a posição proletária para enfrentar a burguesia e seus governos. Somente pode haver real independência de classe sobre a base de um programa revolucionário, de conteúdo proletário, sob a estratégia da classe operária de tomada do poder pela via insurrecional. Esse programa é a base da organização do partido revolucionário, é sua essência. É preciso construí-lo, de forma a projetar a independência de classe, necessária para enfrentar conseqüentemente o governo e a burguesia, e dar à crise econômica e política uma saída historicamente progressiva, a revolução socialista. Do contrário, progredirá a barbárie, que se expressa hoje no governo reacionário e fascizante de Bolsonaro.